



Operações Psicológicas: um olhar crítico sobre os atentados de 11 de setembro de 2001

Psychological Operations: a critical analysis on the 9/11 terrorist attacks

RESUMO

Operações Psicológicas (OpPsi) é um tipo de emprego de uma força, não necessariamente armada, em prol do atingimento de objetivos específicos por meio de técnicas de influência de comportamento. Considerando os atentados de 11 de setembro de 2001 como marco teórico, o objetivo deste estudo de revisão bibliográfica foi analisar fatos, subliminares ou não, relacionados a esse episódio, e que denotavam a utilização de OpPsi. Essa análise teve como finalidade aumentar o nível de consciência do leitor em relação à variedade de informações disponíveis para ele, principalmente, durante um conflito. Concluiu-se que tanto terroristas quanto americanos contaram com um forte apoio da mídia para que técnicas de OpPsi propiciassem o alcance de suas metas frente aos públicos-alvos. No intuito de fazer valer suas vontades, ambos se utilizaram da criação de mitos que tiveram seu surgimento favorecido pelo acirramento do ânimo dos envolvidos. Tratou-se da manipulação da verdade favorecendo o aparecimento de uma causa que pudesse justificar as atitudes a serem tomadas.

Palavras-chave: Operações psicológicas. Guerra Psicológica. Propaganda. Terrorismo.

ABSTRACT

Psychological Operations (OpPsi) are one way to use force, not necessarily armed, in order to achieve specific goals by means of behavior influencing techniques. Considering the 9/11 terrorist attacks as theoretical reference, the objective of this bibliographical research study is analyze facts, subliminal or not, related to this episode, and that indicated that OpPsi was being used. This analysis intended to increase the reader's consciousness level in face of all the information available to him, mainly during a conflict. It was concluded that not only terrorists but also Americans counted with the media support so that their OpPsi techniques could accomplish the mission. With the use of persuasion, they created myths that favored the appearance of a cause for increasing the animosities between the forces involved. The fact is, the manipulation of the truth facilitated the use of a new cause as a reason that justified new attitudes.

Keywords: Psychological operation. Psychological warfare. Propaganda. Terrorism.

INTRODUÇÃO

Cento e dois minutos. Esse foi o tempo decorrido entre o instante em que se iniciou o ataque às Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque, às 8h 46 min do dia 11 de setembro de 2001, e o momento em que a última torre desabou.

Além da morte de 2749 pessoas (DWYER; FLYNN, 2005, p. 15), o que o maior ataque dentro do território americano desde 1812 (CHOMSKY, 2005, p. 12) pode ter significado?

Considerar apenas o impacto físico desse evento, que fez com que corpos fossem encontrados a cinco quarteirões do local (DWYER; FLYNN, 2005, p. 28), seria desperdiçar uma oportunidade de se avaliar diversas nuances dos ataques, sob a ótica de ambos os lados, terrorista e americano.

Este artigo analisará os atentados de 11 de setembro de 2001, com ênfase nos ataques às Torres Gêmeas do World Trade Center (WTC), e buscará elementos que evidenciem a utilização de uma modalidade de guerra nem sempre percebida: as Operações Psicológicas (OpPsi).

Operações Psicológicas, por definição, visam influenciar o comportamento de um público-alvo — antes, durante, ou mesmo depois de um conflito — para conquistar apoio a políticas adotadas nos níveis estratégico, operacional e tático (DEPARTMENT OF THE ARMY, 2000, p.1).

Este trabalho mostrará, por meio de pesquisa bibliográfica, evidências da aplicação das OpPsi tanto pelos terroristas quanto pelo governo dos Estados Unidos. Para isso, será estabelecido um paralelo entre terroristas e americanos, a fim de lembrar o leitor de que, em um conflito, sempre



há, ao menos, duas partes envolvidas, cada uma tentando mostrar a seu povo que a causa pela qual se pede que ele lute é a mais nobre.

Mas, até que ponto as OpPsi estariam sendo utilizadas para influenciar a opinião pública em busca de apoio a uma causa que o Governo julgue importante?

Quão realista e autêntica é a visão que se pode ter de uma guerra?

Tendo em vista esses questionamentos, este artigo visa também despertar consciência crítica no leitor e estimular sua curiosidade para os fatores que se encontram implícitos no discurso e nas ações de governos, de organizações e mesmo de pessoas.

O desenvolvimento dessa consciência situacional pode vir a formar uma massa crítica mais ativa e menos influenciável e, por conseguinte, diminuir a possibilidade dessas pessoas virem a se tornar presas fáceis das OpPsi futuramente.

1 CONCEITUAÇÕES

Pode-se definir, de modo mais abrangente, OpPsi como operações planejadas para transmitir mensagens e indicadores selecionados para influenciar as emoções, o raciocínio lógico e, por fim, o comportamento de governos, grupos, organizações e indivíduos.

O propósito das OpPsi é induzir ou reforçar atitudes e comportamentos favoráveis ao gerador da mensagem (UNITED STATES OF AMERICA, 1999, p. 44).

Não se pode precisar um marco inicial de sua utilização ao longo da história. No entanto, Platão, por volta de 400 a.C., já alertava para a importância da utilização da educação e da música, como meio de treinar pessoas para dirigir a sociedade da maneira que quisessem (GIGANTÈS, 2004, p. 35).

No século XVII, época das Cruzadas e da Reforma Protestante, surgiu um termo que viria a ser largamente utilizado até os dias de hoje: Propaganda.

Naqueles tempos, o Vaticano criou o *Congregatio de Propaganda Fide* - Congregação para a Propagação da Fé – para defender a “verdadeira fé” contra os perigos e desafios da Reforma Protestante. Os hereges reclamaram dessa interferência externa da

igreja católica no desenvolvimento natural do pensamento religioso da época (TAYLOR, 1995, p. 2-7).

Com isso, um legado negativo da palavra Propaganda permanece nas sociedades protestantes até os dias de hoje, sempre associado ao conceito de divulgação de idéias para persuadir pessoas a pensarem e a se comportarem de um modo desejado.

Ao se aplicar essa idéia em um conflito, apareceu a Guerra Psicológica, que teve a Inglaterra, durante a Primeira Guerra Mundial, como um de seus maiores especialistas, sendo seguida na história pelos nazistas, soviéticos e, pelos maiores conhecedores do tema na atualidade, os americanos (TAYLOR, 1995, p. 3-4).

A aplicação da Guerra Psicológica vale-se do surgimento de um conflito para gerar laços oportunos com os vizinhos, a comunidade, a nação, varrendo para longe qualquer tendência de alienação ou deslocamento. A guerra, em tempos de desespero, é um potente fator de distração (HEDGES, 2003, p. 9).

Diversas definições surgiram para a técnica que almeja conquistar corações e mentes de um público-alvo. A Propaganda ao longo dos tempos também passou a ser conhecida como Guerra Psicológica, termo esse que foi substituído por Operações Psicológicas (OpPsi) nas Forças Armadas americanas em janeiro de 1962, e vem sendo empregado desde essa época (DEPARTMENT OF THE ARMY, 2000, p. 1).

Durante conflitos, as paixões e as emoções estão à flor da pele e, por isso, mais suscetíveis à manipulação.

Segundo Lê Shan (1992, apud HEDGES, 2003, p. 21, tradução nossa), nesses períodos existem dois tipos de realidade: a sensorial e a mística.

No primeiro caso, as pessoas vêem os eventos da forma como eles realmente são. Já no caso da realidade mística, os acontecimentos são inflados com significados que eles não possuem.

As populações são levadas a acreditar que o inimigo é um demônio, enquanto seu povo é a absoluta bondade. Até mesmo algumas derrotas são usadas como um sinal de que a “grande vitória” se aproxima.



É a força do mito criado que traz sentido a toda barbárie e violência presentes em uma guerra. Ao se manipular a história, transformam-se eventos aleatórios em uma sucessão de acontecimentos diretamente ligados a um desejo pré-determinado.

A maior parte desses resultados são valores racistas, alimentados pela ignorância. Ao valorizar a identidade de um povo e torná-la parte de uma lenda, reforça-se uma importante estratégia: a impossibilidade de se estabelecer diálogo com o inimigo.

No entanto, os mitos não se propagam sozinhos. As principais instituições responsáveis pela disseminação dessas idéias são a imprensa e o Estado (HEDGES, 2003, p. 22-24).

Por intermédio da atuação desses organismos, as pessoas pensam e agem de um modo que provavelmente não fariam se fossem deixadas livres para decidir (TAYLOR, 1995, p. 1).

As OpPsi representam um triunfo da emoção sobre a razão, em um esforço do poder para controlar o indivíduo. Isso, em tempos de guerra, normalmente se traduz em persuadir a população a lutar ou a apoiar a luta (Taylor, 1995, p. 6).

Esse método de combate ataca partes do corpo que outras armas não poderiam atingir, no intuito de afetar a forma com que os combatentes atuam no campo de batalha. Trata-se da conquista de corações e mentes.

Para que essa conquista aconteça, é muito importante que se tenha domínio das informações e, freqüentemente, isso ocorre por meio do uso de censura, já que uma das características essenciais da propaganda é ela raramente contar toda a verdade (TAYLOR, 1995, p. 9-10).

Por isso, Taylor (1995, p. 10) afirma que a censura e a propaganda são os dois lados de uma mesma moeda: a manipulação da opinião pública. Ele destaca que se trata de um processo de seleção de quais informações deverão ser disseminadas e quais não.

E para que esse processo seja ainda mais efetivo, diante da velocidade da comunicação nos dias atuais, o propagandista ou censor precisa ter o controle da informação ainda na própria fonte. Se isso não for possível, ele tentará distorcer o fato

durante o seu fluxo para que, ao chegar ao receptor, os dados estejam mascarados por elementos de propaganda (TAYLOR, 1995, p. 11).

Isso cria o que Galbraith (1958, apud LEVITT; DUBNER, 2005, p. 91-93) chamou de sabedoria convencional. Segundo ele, nessa condição, o ser humano busca associar a verdade à conveniência de algo que intimamente combine interesse com bem-estar pessoal ou que, ao menos, prometa evitar incômodos.

Teoricamente, essa sabedoria convencional deve ser simples, conveniente, cômoda e confortadora, embora não necessariamente verdadeira. Porém, uma vez firmada, ela se torna difícil de ser derrubada.

Galbraith reforçou que uma excelente ferramenta para criar a sabedoria convencional é a propaganda.

Por ser um instrumento eficiente de manipulação da opinião pública, a propaganda mostrou, ao longo dos tempos, ser uma arma tão importante quanto espadas ou bombas. No entanto, ela também pode ser uma alternativa à matança, um triunfo da comunicação sobre a violência.

Numa era em que as armas nucleares podem rapidamente destruir todo ser vivo do planeta, as operações psicológicas tornaram-se alternativas genuínas à guerra.

Trata-se de uma luta por percepções em que palavras tendem a falar tão alto quanto ações e, por vezes, até mesmo a substituí-las (TAYLOR, 2005, p. 5-8).

Um dos acontecimentos mais marcantes dos últimos tempos, o ataque de 11 de setembro de 2001, apresentou características bastante interessantes que comprovam a eficiência e a eficácia do emprego das OpPsi.

2 OS ATAQUES DE 11 DE SETEMBRO DE 2001

A importância do atentado de 11 de setembro de 2001 pode ser percebida pela forma com que certos autores se referem a ele. Alguns chegam a compará-lo com a Queda da Bastilha, em 1789, ou a revolta dos Bolchevistas, em 1917. Afirmam que se tratou de acontecimento que adquiriu significados e conotações excepcionais, reveladoras (DOWBOR; IANNI; ANTAS JR; 2003, p. 18).



Segundo esses mesmos autores, os ataques constituíram eventos heurísticos por suas implicações históricas e teóricas e podem ser vistos como experimentos científicos.

Outra evidência marcante da importância e da repercussão do ocorrido foi notada por meio de uma consulta ao site de buscas “Google”, em 3 de junho de 2006. Ao se utilizar a expressão-chave “9/11 terrorist attacks”, foram apresentados 30 milhões de verbetes em apenas 0,29 segundos.

A partir do momento em que o voo 11 da American Airlines atingiu a face norte da torre 1 do WTC, às 8h46min:31s, do dia 11 de setembro de 2001, não foram somente as 14 mil pessoas que por lá se encontravam que se viram envolvidas diretamente com o terror. Um sentimento misto, de solidariedade e revolta, percorreu o mundo todo.

O impacto do Boeing, a 720 quilômetros por hora, foi registrado pelos instrumentos do Observatório Terrestre Lamont-Doherty, da Universidade de Colúmbia, em Palisades, Nova York, a 35 quilômetros do local e gerou sinais que duraram 12 segundos (DWYER; FLYNN, 2005, p. 38).

Pouco tempo depois, mais precisamente às 9h02min:59s, foi a vez de a face sul da torre 2 ser atingida pelo voo 175 da United Airlines, que se desintegrou em 0,24 segundos (DWYER; FLYNN, 2005, p. 38).

Outros dois aviões também foram seqüestrados, e suas histórias corriam paralelamente às imagens divulgadas por emissoras de televisão do mundo inteiro. Um deles se chocou contra uma lateral do Pentágono e o outro se espatifou no solo quando, supostamente, teria como alvo a Casa Branca.

A velocidade e a contundência dos acontecimentos impressionavam a todos e impedia uma reflexão mais ampla, até mesmo pela falta de dados sobre o porquê de tudo aquilo estar acontecendo.

O que poderia levar pessoas a cometer um ato terrorista dessa magnitude?

3 OS TERRORISTAS E O 11 DE SETEMBRO

Osama bin Laden foi acusado pelos americanos de ser o mentor de vários atentados: contra o World Trade Center em 1993, pela morte de 18 soldados

americanos na Somália no mesmo ano, contra as embaixadas dos Estados Unidos no Quênia e na Tanzânia em 1998, além dos ataques de 11 de setembro de 2001 (DORNELES, 2002, p. 182).

Mas o que nem todos sabem é que Bin Laden já foi um aliado americano.

Quando os Estados Unidos queriam expulsar os soviéticos do Afeganistão, uma operação montada pela CIA e pelo ISI (Serviço Secreto do Paquistão) recrutava radicais islâmicos de vários países árabes para participar da Jihad, uma guerra santa contra os soviéticos. Bin Laden liderava um desses grupos.

A relação começou a se deteriorar após os ataques americanos ao Iraque durante a Guerra do Golfo. Para isso, tropas americanas usaram a Arábia Saudita, o que azedou a parceria (DORNELES, 2002, p. 182).

Chomsky (2005, p. 267) afirma que Osama bin Laden compartilha de um ódio, sentido em toda a região, pela presença dos EUA na Arábia Saudita, pelo apoio às atrocidades cometidas contra o povo palestino e pela devastação da sociedade civil no Iraque, coordenada pelos EUA.

Terroristas cometem atos de violência por diversos motivos, muitas vezes incompreensíveis para o público em geral. Particularmente, no caso dos ataques de 11 de setembro, teriam os soldados do terror atingido seus objetivos?

Nacos (2003, p. 1) assegura que, se for levado em conta que Bin Laden tinha em mente causar um embate entre muçulmanos e o que ele chamou de “aliança sionista-americana”, pode-se julgar que seu objetivo não foi atingido. No entanto, não há como ignorar que os ataques foram bem-sucedidos em diversos outros aspectos e que despontam como um modelo bastante atraente para futuras investidas terroristas.

Em um vídeo exibido após os ataques, Osama bin Laden apareceu falando que o discurso proferido pelos jovens pilotos suicidas seria entendido por árabes e não-árabes, e até mesmo por chineses (NACOS, 2003, p. 1).

Indubitavelmente, um objetivo plenamente atingido pelo ataque foi o de mostrar a impotência do maior poderio militar do planeta contra esse tipo de assalto.



Segundo Schroeder (2001-2002, apud NACOS, 2003, p. 2-3), um dos objetivos do ataque terrorista era provar que os Estados Unidos poderiam ser atingidos por pequenos, e relativamente fracos, grupos de dedicados soldados.

E quanto aos alvos escolhidos, haveria questão lógica por trás dessas opções?

Chomsky (2005, p. 88) acredita que não. Segundo ele, não há simbolismo na escolha das torres do WTC ou do Pentágono como alvos dos terroristas. Ele afirma que o fato tem pouco a ver com globalização, imperialismo econômico ou valores culturais.

“Nenhuma dessas questões os preocupa, assim como não se preocupam, evidentemente, com o fato inegável de que as atrocidades que cometem, há anos, causam enormes danos às populações mais pobres e oprimidas do mundo [...]” (CHOMSKY, 2005, p. 88).

Apesar da opinião de Chomsky, uma análise sob a ótica das OpPsi traz à tona algumas questões interessantes.

Foram quatro os alvos selecionados: as duas torres do WTC, o Pentágono e, ao que tudo indica, a Casa Branca, que não chegou a ser atingida.

O manual do Exército Americano para Operações Psicológicas “FM 3-05.30” lista quatro pilares do poder de uma nação: militar, informacional, político e econômico (DEPARTMENT OF THE ARMY, 2000, p. 1-5).

Definição semelhante pode ser encontrada no Manual Básico de Elementos Doutrinários da Escola Superior de Guerra brasileira, em que aparecem cinco expressões do Poder Nacional, como formas de manifestações da capacidade de poder de uma nação: política, econômica, psicossocial, militar e tecnológica (ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA, 2006, p. 27).

Dessa forma, de uma comparação entre os alvos escolhidos e as teorias apresentadas, infere-se uma tentativa de se atingir símbolos do poder de uma nação.

“É como se fosse uma explosão atingindo a realidade e o imaginário [...]” (DOWBOR; IANNI; ANTAS JR, 2003, p. 18). “Em um instante, no centro da maior potência mundial, dois de seus mais notáveis símbolos são agredidos e desmoronam

arruinados” (DOWBOR; IANNI; ANTAS JR, 2003, p. 18).

Os autores ainda destacam que os poderes econômico e militar passaram a ser postos em causa, deixando de ser intocáveis.

Trechos extraídos da edição 1718 da revista **Veja**, de 19 de setembro de 2001, mostravam que a escolha dos alvos havia reforçado o impacto psicológico dos ataques:

– Campo Político: “Durante a maior parte da terça-feira passada, os assessores do presidente dos Estados Unidos acharam que ele não deveria retornar a Washington. Era perigoso demais.”;

– Campo Militar: “Um terceiro aparelho despencou sobre o Pentágono, sede do poder militar do império, nos arredores de Washington.”;

– Campo Psicossocial: “O país mais poderoso do mundo viu ícones de sua identidade nacional serem alvejados com desconcertante facilidade.”

– Campo Econômico: “...dois aviões de passageiros seqüestrados puseram abaixo as torres gêmeas, cujo destaque no horizonte de arranha-céus de Nova York simbolizava a supremacia econômica da superpotência.”; e

– No campo informacional, nada mais forte do que o resultado de pesquisas feitas à época, questionando se os americanos estariam acompanhando os acontecimentos pela mídia: as respostas afirmativas oscilaram entre 99% e 100% (NACOS, 2003, p. 5).

De acordo com um manual da Jihad afegã, usado para instrução de possíveis terroristas, a publicidade é uma questão vital no planejamento de um ataque. Ele recomenda o ataque a “monumentos sentimentais” como a Estátua da Liberdade, o Big Ben ou a Torre Eiffel, o que geraria “intensa publicidade” (NACOS, 2003, p. 4).

Isso aliado ao fato de que, na sociedade atual, terrorismo e mídia estão intimamente relacionados, torna o primeiro uma arma psicológica que depende da comunicação de uma ameaça para a sociedade. Há, portanto, uma relação simbiótica entre eles (WILKINSON 1986, apud NACOS, 2003, p. 5).

Realmente, para muitos, as imagens de aeronaves comerciais cravando como mísseis suicidas nos principais símbolos do poder



econômico e militar americano soavam como algo incompreensível.

O impacto foi tamanho que, nos quatro meses seguintes ao atentado, 98% de todas as resoluções propostas pela Câmara dos Deputados Americana eram relacionadas com terrorismo. No Senado, elas chegaram a 97%, ou seja, com suas investidas mortais contra os americanos, os terroristas passaram a regular a agenda política americana (NACOS, 2003, p. 3).

A caçada a Bin Laden foi inevitável, mas a situação era, mais uma vez, desfavorável psicologicamente para os americanos.

Caso o mandante do ataque fosse preso, ele seria trazido a julgamento e conquistaria um espaço ainda maior na mídia. Em 10 edições das revistas Time e Newsweek, subseqüentes à data dos ataques, Bin Laden foi capa de cinco, enquanto o presidente George Bush apareceu em apenas duas (NACOS, 2003, p. 2-8).

Se Bin Laden fosse assassinado, viraria um mártir para os fanáticos religiosos, ou, caso ele viesse a ser capturado, transformar-se-ia em uma espécie de Robin Hood. Não havia maneira de Bin Laden perder esse embate (NACOS, 2003, p. 2).

Portanto, apesar de não ter conseguido perpetrar uma guerra entre nações islâmicas e não-islâmicas, os fatos mostraram que, com poucos recursos, porém estrategicamente e psicologicamente muito bem empregados, a Al Qaeda pode ter estabelecido um perigoso patamar nas relações das organizações terroristas com seus inimigos, criando até mesmo um modelo de terrorismo.

Os resultados dos ataques são impressionantes e mostram a eficácia das Operações Psicológicas bem empregadas. Entretanto, será que apenas os terroristas se valeram das OpPsi durante esse episódio?

Não teriam também os americanos vislumbrado oportunidades para ampliar seu poder ao redor do mundo?

4 O GOVERNO AMERICANO E O 11 DE SETEMBRO

Os acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001 podem ser vistos, simultaneamente, como ataque terrorista, ato político e ação revolucionária.

Não só pelos objetivos e símbolos que foram atingidos, como pelo vasto processo político que foi deflagrado.

A gravidade do ocorrido criou uma atmosfera política envenenada, de intolerância e medo artificialmente criado, com o objetivo de justificar a aplicação de graves restrições às liberdades democráticas (DOWBOR; IANNI; ANTAS JR, 2003, p. 135).

No dia seguinte aos ataques, o segundo homem forte do Pentágono, Paul Wolfowitz, propôs a invasão do Iraque, apesar de todos os indícios apontarem para Osama bin Laden e a Al Qaeda, e não para Saddam Hussein (FERREIRA, 2004, p. 30-31).

Sete meses depois de empossado e com a popularidade em baixa, Bush ressurgiu como o presidente que se encontrava acima do bem e do mal, em um plano superior, e a quem a grande mídia não ousava questionar (FERREIRA, 2004, p. 31).

Até aquele momento, a nação americana encontrava-se envolta em dúvidas quanto à legitimidade do mandato de George Bush. Seu rival no pleito eleitoral, Al Gore, solicitou recontagem dos votos de alguns distritos do estado da Flórida. No entanto, a justiça determinou que a recontagem fosse encerrada e a vitória ficou com Bush.

A mídia americana já tinha em mãos o resultado, e as matérias mostravam que se Al Gore tivesse solicitado uma recontagem em toda a Flórida, ele seria o presidente dos Estados Unidos (DORNELES, 2002, p. 85-86).

Apesar do teor bombástico dessas informações, a mídia levou nada menos que 10 dias para divulgar as notícias a respeito do caso. Tal medida foi justificada pelo assessor de imprensa do New York Times, Toby Usnik, por não haver pessoal, tempo e nem espaço no jornal para que fosse feita anteriormente. A imprensa mostrava que seria capaz de tudo, até mesmo de distorcer notícias para agradar ao governo (DORNELES, 2002, p. 85-86).

Os ataques ao Afeganistão, sob o pretexto de se caçar Bin Laden e líderes da Al Qaeda, já haviam começado quando, em 20 de outubro, a organização Repórter sem Fronteiras acusou o Pentágono de censurar imagens via satélite do Afeganistão. O governo firmou um contrato de exclusividade com



a Space Imaging, que administra o satélite Ikonos. O acordo proibia a empresa de vender e distribuir imagens a qualquer outra entidade. Com isso, a mídia ficava impossibilitada de levantar dados sobre perdas civis por meio das imagens-satélite (DORNELES, 2002, p. 22).

No dia 6 de novembro de 2001, o correspondente de O Globo, José Meirelles Passos, revelou a existência de três escritórios, os Centros de Influência Estratégica com sedes em Washington, Islamabad e Londres, responsáveis pela disseminação de dados de interesse dos Estados Unidos e pela reação imediata às declarações de Bin Laden (DORNELES, 2002, p. 24).

A matéria revelou ainda que, no dia 11 de novembro, especialistas em relações públicas e publicidade, e um grupo de altos executivos de Hollywood, encontraram-se num hotel de Beverly Hills com um assessor de Bush, Karl Rove.

Rove pediu que Hollywood participasse de um esforço de guerra em três frentes: divulgação do conceito de guerra ao terrorismo nos Estados Unidos e no mundo, apoio às tropas mobilizadas e manutenção do moral do público americano.

Três meses depois, o New York Times publicou reportagem revelando que o Pentágono cogitava “plantar” informações falsas nas agências de notícias estrangeiras para influenciar a opinião pública internacional (DORNELES, 2002, p. 24-25).

À medida que a guerra entre a nação mais poderosa do planeta e um dos países mais miseráveis se desenrolava, o discurso americano de prioridade da captura de Bin Laden e de seus asseclas foi perdendo força, frente às dificuldades encontradas. Em janeiro de 2002, o tom na mídia já era de “libertação do Afeganistão” e de que o “terror era mais do que uma pessoa” (DORNELES, 2002, p. 51).

Durante um discurso, em 29 de janeiro de 2002, Bush surge com a expressão “eixo do mal”. Ele seria composto por Irã, Iraque e Coréia do Norte e representaria uma ameaça grave e crescente por estar em busca de armas de destruição em massa. Esse discurso foi interrompido 75 vezes por aplausos da platéia (FERREIRA, 2004, p. 40).

Era o prenúncio de mais uma guerra, desta feita contra o Iraque. Enquanto o povo vivia esse estado de ignorância e medo, Bush não precisava se explicar sobre como ele havia sido eleito, sobre o escândalo da sua patrocinadora Enron, seu desprezo pela ecologia, o abandono dos tratados internacionais e o apoio a Israel no desrespeito a resoluções da ONU (FERREIRA, 2004, p. 42).

Veio, então, a invasão do Iraque, e a imagem adotada como símbolo da guerra foi a derrubada da estátua de Saddam em Bagdá. Citada como a prova de que os invasores eram recebidos como libertadores, essa versão se mostrou inconsistente quando se soube que o fato foi presenciado por poucas pessoas (FERREIRA, 2004, p. 49).

Enquanto isso, a aprovação de Bush chegava a 90% entre os americanos. (FERREIRA, 2004, p. 48).

Na esteira desse consenso, foram criados diversos instrumentos antidemocráticos como julgamentos militares para terroristas, poderes ampliados para agências federais como o FBI, escritório no Pentágono para plantar notícias falsas, prisão e intimidação de imigrantes, extensão de um programa nacional de vigilância de bairros, indiciamento de advogados por defenderem acusados de terrorismo, redução drástica no alcance da FOIA (Lei de Liberdade de Informação), enfim, um conjunto de medidas contrárias àquilo que o país sempre preferiu representar (Ibid., p. 163).

Uma pretensa ligação de Saddam Hussein com a Al Qaeda de Bin Laden e com outros grupos terroristas, além de uma suposta existência de armas de destruição em massa no arsenal de Bagdá foram os motivos principais para a invasão americana no Iraque.

Em 5 de fevereiro de 2003, o então secretário de estado Colin Powell compareceu perante o Conselho de Segurança da ONU e apresentou uma série de informações adicionais que incluíam uma tradução forjada de diálogos em árabe e uma série de alegações inconsistentes.

Durante uma entrevista em janeiro do ano seguinte, Powell reconheceu que ainda não havia surgido prova concreta da ligação entre o Iraque de Saddam Hussein e a Al Qaeda de Bin Laden. Questionado se deveria pedir desculpas por ter



apresentado provas falsas, ele respondeu que não, pois eram as melhores informações de que seu governo dispunha na ocasião (FERREIRA, 2004, p. 249-257).

Mas, a essa altura, os motivos das invasões já não importavam tanto.

Em julho de 2002, o jornal O Estado de S. Paulo publicou matéria afirmando que, após a retirada dos talibãs do poder, os Estados Unidos poderiam prosseguir com seus planos de construção de dutos que levariam petróleo do Mar Cáspio para a costa do Paquistão, sem ficarem sob o controle de Moscou (DORNELES, 2002, p. 179).

Além disso, os Estados Unidos passavam a garantir presença no Iraque, país com a segunda maior reserva de petróleo do mundo, o que proporcionou aos americanos um poder de contrabalançar a força da OPEP, caso eles julgassem necessário.

Portanto, sob os pontos de vista econômico e geopolítico, não há como negar que os ataques de 11 de setembro propiciaram um significativo avanço para os Estados Unidos.

CONCLUSÃO

Não há dúvidas de que os atentados de 11 de setembro de 2001 constituíram um novo marco na história mundial.

O trauma causado foi grande e permeou diversas áreas. Um estudo realizado com alunos de escolas de Boston, Massachussets, EUA mostrou que a maioria dos estudantes sofreu severos impactos psicológicos por conta dos ataques terroristas (LIVERANT; HOFMANN; LITZ).

Outro levantamento apontou que o consumo de cigarros, maconha e álcool entre os habitantes de Nova York teve um acréscimo significativo depois do 11 de setembro (VLAHOV et al).

As condições na ocasião dificultavam uma análise mais aprofundada de tudo o que estava acontecendo. A falta de informações, a gravidade e a profundidade dos ataques eram fatores que obscureciam a capacidade de discernimento das pessoas.

Para se analisar coerentemente um acontecimento como esse, torna-se fundamental

manter distância do ocorrido e conferir ao próprio olhar certo grau de liberdade, pois as implicações políticas, sociais e humanas dos fatos turvam a visão (DOWBOR; IANNI; ANTAS JR., 2003, p. 53).

O estudo apresentado mostrou a existência de diversos acontecimentos e mensagens subliminares envolvidos direta e indiretamente com os atentados de 11 de setembro.

Aqueles que souberam dos eventos por meio dos veículos de mídia tiveram sua atenção voltada para um atentado terrorista que tentava transmitir ao mundo a mensagem de uma causa pela qual valeria a pena matar e morrer.

Tratou-se de manobra ousada e, sob o ponto de vista das Operações Psicológicas, magistralmente arquitetada. Sem armamentos de grande porte, sem o disparo de um tiro sequer, os terroristas do dia 11 de setembro colocaram a nação mais poderosa do mundo em um estado de caos.

Mas, uma vez que o ato já estava consumado e as Torres Gêmeas desintegradas no centro de Nova York, o que aconteceu?

Este artigo mostrou que, paralelamente ao que se passava, houve também um aproveitamento para a consecução de objetivos políticos calcados em premissas, no mínimo, questionáveis.

Surgia uma causa que poderia justificar atos, que, em condições normais do dia-a-dia, talvez a população não concordasse em apoiar.

“A santidade da causa é crucial para uma guerra. O Estado despense um tremendo esforço protegendo, explicando e promovendo sua causa.” (HEDGES, 2003, p. 146).

E essa causa jamais poderia atingir seus objetivos se não dispusesse da ajuda da mídia. Segundo Dorneles (2002, p. 259), a linguagem utilizada pela imprensa na cobertura de fatos como esse é ideológica, com objetivos claramente políticos.

Isso, somado à velocidade com que as notícias se propagam atualmente, corresponde a fator significativo na pulverização de idéias por todo o mundo, rapidamente.

Os avanços contínuos da tecnologia na comunicação global tendem a desestimular a reflexão; a esvaziar a iniciativa de líderes políticos



e autoridades governamentais; a enfraquecer a capacidade organizativa, agregadora e condutora das agremiações partidárias (DOWBOR; IANNI; ANTAS JR, 2003, p. 72).

Uma vez que as Operações Psicológicas são instrumentos utilizados para a ampliação do impacto pretendido por uma mensagem, surge a

necessidade de se analisar os acontecimentos sob diversos pontos de vista.

Portanto, cabe destacar que as decisões baseadas em um contexto de informações de fontes diversas podem realmente ser um antídoto contra um direcionamento inadequado de informações que vise manipular as idéias de uma nação.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DEPARTMENT OF THE ARMY. **FM 3-05.30**: psychological Operations. Washington, 2000.

DORNELES, Carlos. **Deus é inocente**: a imprensa não. São Paulo: Globo, 2002.

DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octavio; ANTAS JR, Ricardo M. (Orgs.). **Estados Unidos**: a supremacia contestada. São Paulo: Cortez, 2003.

DWYER, Jim; FLYNN, Kevin. **102 minutos**: a história inédita da luta pela vida nas torres gêmeas. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (Brasil). **Manual básico**: elementos doutrinários. Rio de Janeiro, 2006.

FERREIRA, Argemiro. **O império contra-ataca**: as guerras de George W. Bush, antes e depois do 11 de setembro. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GIGANTÉS, Philippe. **Poder e ambição**: uma breve história da dominação de Moisés ao mundo globalizado. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HEDGES, Chris. **War is a force that gives us meaning**. New York: Anchor Books, 2003.

LEVITT, Steven D.; DUBNER, Stephen. **Freakonomics**: o lado oculto e inesperado de tudo que nos afeta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LIVERANT, I. Gabrielle; HOFMANN, G. Stefan; LITZ, T. Brett. **Coping and anxiety in college students after the 9/11 terrorist attacks**. [200-] Disponível em: <<http://taylorandfrancis.metapress.com/>>. Acesso em: 03 jun. 2006.

NACOS, L. Brigitte. **The terrorist calculus behind 9/11**: a model for future terrorism? 2003. Disponível em: <<http://taylorandfrancis.metapress.com/>>. Acesso em: 03 jun. 2006.

TAYLOR, Philip M. **Munitions of the mind**: a history of propaganda from the ancient world to the present day. Manchester: University Press, 1995

UNITED STATES OF AMERICA. **Air Force**: Doctrine Document 2-5.3: psychological operations. 1999.

VEJA, São Paulo: Abril, n.1718, 19 set. 2001.

VLAHOV, David et al. **Consumption of cigarettes, alcohol and marijuana among New York City citizens six months after the 9/11 terrorist attacks** [200-]. Disponível em: <<http://taylorandfrancis.metapress.com/>>. Acesso em: 03 jun. 2006.

